

Neologismos: o mapeamento de áreas de interface na ciência da informação

*Neologisms: mapping interface areas in
information science*

Jéssica Câmara Siqueira*
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: A pesquisa analisa os neologismos na Ciência da Informação por meio da abordagem terminológica, com intuito de mapear as principais relações intersticiais dessa área. O percurso exploratório de termos objetiva verificar as áreas de interface que corroboram o delineamento do escopo da Ciência da Informação. O trabalho tem como base a análise qualitativa dos neologismos selecionados nos cinco periódicos mais bem classificados no Qualis/CAPES no último decênio. O *corpus* de exclusão constituiu-se a partir de obras lexicográficas da área e da Base de Pesquisa em Ciência da Informação (BRAPCI). O mapeamento das áreas de interface, a partir da delimitação dos contextos terminológicos dos neologismos, permite a identificação das relações intersticiais entre os campos que constituem a Ciência da Informação.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Mapeamento de áreas. Neologismo. Terminologia

Abstract: The research analyzes neologisms in Information Science using the terminology approach to verify the interface areas that corroborate the scope of Information Science. The work is based on qualitative analysis of

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH-USP, 2015); mestre em Ciência da Informação (ECA-USP, 2011); especialista em Arquivos (IEB-USP, 2009); bacharel em Biblioteconomia e Documentação (ECA-USP, 2009); licenciada em Letras, habilitação em Português e Espanhol (UNIMAR, 2002); jessica.camara@yahoo.com.br.

neologisms selected in the five top-ranked journals in Qualis/CAPES in the last decade. The exclusion *corpus* consisted in lexicographical works and from the BRAPCI (Base de Pesquisa em Ciência da Informação). The mapping of interface areas from the delimitation of the contexts of terminological neologisms allows the identification of interstitial relations among the fields of Information Science.

Keywords: Neologism. Information Science. Mapping of areas. Terminology

1 INTRODUÇÃO

A neologia, no âmbito contemporâneo, pode ser definida sob duas perspectivas. Primeiramente pode ser entendida como uma capacidade natural de se realizar a renovação do léxico da língua, a partir da criação e da incorporação de novas unidades léxicas, os neologismos. Essa inserção de novos termos ocorre tanto de modo consciente como inconsciente, sendo efetuada a partir do uso de mecanismos de formação de palavras da própria língua. Outra perspectiva é a neologia como estudo, ou seja, análise, descrição, registro e observação dos neologismos de uma determinada língua (Correia, 1998).

Os processos gerais de formação de neologismos estão presentes tanto na língua comum como na de especialidade. A escolha dos termos novos é uma decisão política e ideológica. Além disso, há outros aspectos situacionais que os influenciam, tais como novos meios técnicos, acontecimentos planetários, ou até solidariedade internacional (Depecker, 2003). Assim, constata-se que os neologismos podem ser criados tanto por motivações estilísticas como denominativas, em especial para designar novas realidades e conceitos de terminologias científicas.

No âmbito deste artigo, nos concentraremos na identificação das principais áreas de interface com a Ciência da Informação. No caso específico desta, há férteis discussões acerca de sua delimitação científica e epistemologia, o que incentiva trabalhos de tal natureza. Em uma perspectiva mais tradicional, é vista como uma ciência social determinada por condições históricas, sociais e econômicas. Tem seu surgimento vinculado à Biblioteconomia, já que inicialmente estaria concentrada na informação fornecida pelas bibliotecas, expandindo-se, posteriormente, às informações científicas e tecnológicas em outros meios. Nesse viés, considera-se como objeto da área o estudo da informação as propriedades gerais de sua natureza, gênese, efeitos, bem como a análise dos processos de construção, comunicação, utilização, e concepção de produtos e sistemas para sua organização e difusão (Le Coadic, 2004).

De acordo com classificações das agências Capes e CNPq, a Ciência da Informação é definida, em termos institucionais, como uma Ciência Social Aplicada (Araújo, 2003), todavia não nasce como uma ciência social. Inicialmente, teve suas origens muito atreladas à Computação (a exemplo do trabalho pioneiro na área de Vannevar Bush) e à recuperação automática da informação, muito próxima, portanto, do modelo positivista e funcionalista da ciência. Entretanto, após os anos 1970, a Ciência da Informação promoveu sua inscrição efetiva no âmbito das Ciências Sociais. A partir daí, ocorrem mudanças não apenas no viés de sua produção, como no delineamento de seu traço identificador, evidenciado pela influência nos fundamentos sociais para se enxergar a informação (González de Gomez, 2000).

No contexto contemporâneo observa-se um movimento de aproximação entre as Ciências Exatas, Biológicas e Sociais. Tal aproximação não se limita à mera apropriação de conceitos e realização de analogias, a fim de se estruturar um campo disciplinar próprio. No viés pós-moderno há uma busca comum dessas diferentes facetas da ciência, com a finalidade de contribuir para compor novos conhecimentos, a partir de um movimento inter e transdisciplinar, embasado no pensamento complexo da religação dos saberes (Morin, 1987).

As distintas interpretações acerca do surgimento e desenvolvimento da Ciência da Informação revelam a divergência de olhares sobre a área. Para alguns pesquisadores essa aparente desorientação teórico-metodológica é sinônimo de fragilidade disciplinar, o que acarretaria em problemas na delimitação identitária do campo (Rabello, 2009). Outros pesquisadores, no entanto, considerando o contexto pós-moderno e todas as idiosincrasias sociais, científicas e culturais do mundo contemporâneo, preferem enxergar na fragmentação e no caráter imanentemente interdisciplinar da Ciência da Informação uma oportunidade para compreendê-la em suas diversas facetas.

Nesta abordagem, buscamos uma perspectiva dinâmica da integração disciplinar a partir dos neologismos. Procuramos não nos deter apenas na observação dos aspectos internos e externos da área, mas tentar enxergar seu uso concreto no contexto, indissociavelmente aos demais termos de diferentes áreas que compõem o escopo identitário da Ciência da Informação.

Para tal objetivo recorreremos à abordagem terminológica, mais especificadamente sob o viés comunicativo, que tem como base um cenário concreto de uso. Tal realização evidencia a predileção pelos aspectos comunicativos da linguagem, em detrimento dos propósitos outrora normalizadores da Teoria Geral da Terminologia (Cabré, 2002a).

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) contempla a variação linguística em toda sua dimensionalidade, observando que tanto o conhecimento especializado como os textos especializados e as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização. Dessa forma, o termo é considerado em seu âmbito específico sem perder seu caráter de unidade pertencente a um sistema linguístico. Portanto considera-se o termo como um signo linguístico em funcionamento inserido num determinado contexto de uso.

Segundo Cabré (2003), um projeto terminológico que tenha como base teórica a TCT deve seguir os seguintes pressupostos gerais:

- Considerando as abordagens linguística e semiológica, a TCT tem como objeto central as unidades terminológicas e não os conceitos.
- Tanto o termo como a palavra são signos linguísticos; logo, a distinção entre eles só pode ser observada no discurso.
- Os diferentes níveis – lexical, morfológico, sintático e textual – podem veicular o conhecimento especializado.
- Os termos não devem ser analisados isoladamente, mas na situação comunicativa em que estão inseridos.
- Deve-se considerar para a análise tanto a variação conceitual como a denominativa.
- Quanto à perspectiva cognitiva, as unidades terminológicas estão subordinadas a um contexto temático, tendo um local determinado e significado específico num mapa conceitual.

Considerando esse viés analisaremos as várias facetas interdisciplinares da Ciência da Informação. Para isso consideraremos o cenário de surgimento da área, a diversidade de campos que contribuíram e contribuem para seu escopo, bem como a natureza complexa de seu objeto, a informação, elementos-chave para estudos que investigam a epistemologia interdisciplinar.

2 APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

A pesquisa neológica, segundo Cabré (2002a), deve ser estabelecida de acordo com alguns aspectos: tipo de neologia (da língua comum ou de especialidade); determinação de critérios de seleção da fonte de coleta; delimitação dos critérios e das condições de neologicidade; estabelecimento de um *corpus* de exclusão e dos critérios para exclusão. Além desses aspectos, Alves (1996) destaca a importância

de se considerar o sistema conceitual e denominativo em que o neologismo está inserido, contemplando a dinâmica da língua. Cabré (2010) também salienta que o trabalho neológico deve contar com especialistas da área de estudo, a fim de atuarem em parceria com os profissionais da língua na determinação neológica ou não dos termos estudados.

A prática dos estudos neológicos, também denominada de neografia (Pavel, 1989), pode ser sintetizada em três momentos: a extração da unidade lexical candidata a neologismo; a elaboração de fichas de coleta e análise dessa unidade lexical, utilizando-se critérios para a determinação da neologicidade; e por fim, caso a unidade lexical analisada se confirme neológica, a verificação de qual é o melhor tipo de classificação (Cabré, 2010). Na primeira etapa, a primeira medida é a constituição do *corpus* de coleta. Para isso, devem-se estabelecer critérios que delimitem a escolha desse *corpus*, tais como: aspectos cronológicos e temáticos, cobertura geográfica, ou mesmo áreas de especialidade.

Quanto ao material de trabalho, analogamente aos estudos terminológicos, a neologia também utiliza as fichas de coleta e análise, que podem ser manuais ou automatizadas. No modelo apresentado por Cabré (2002b) encontram-se os seguintes campos para a ficha de coleta: entrada, categoria gramatical, contexto, fonte, aspectos gráficos, confirmação de neologicidade, autor/data da ficha e nota. Para a ficha de análise: entrada, categoria gramatical, tipo de neologismo, área de especialidade, definição ou contexto, estrutura morfológica, regra lexical, tipo morfológico, equivalente em outra língua, nível de linguagem, notas, autor/data, aprovação do neologismo (Cabré, 2002b).

Sobre a análise propriamente dita dos neologismos utilizaremos os preceitos da classificação de Alves (2007). A autora sintetiza em quatro níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e textual, sendo que ao último caberia a integração dos demais, resultante de uma situação comunicativa ocorrida no plano pragmático.

Além desses níveis de análise é importante considerar tanto o *corpus* de exclusão, que atua como um filtro para a determinação da natureza neológica, quanto o reconhecimento da competência do falante. Tal competência diz respeito ao emissor, que cria e utiliza os novos termos, e ao receptor, que identifica os neologismos e os interpreta, contribuindo com sua difusão. Enquanto aquele que produz o neologismo dispõe de recursos textuais que o auxiliam na determinação neológica, o receptor consegue detectar e interpretar o neologismo na perspectiva de uma informação linguística, pragmática e cultural (Solé, 2002).

A pesquisa neológica baseou-se nos aspectos elencados por Cabré (2002b), ou seja, o tipo de neologia, delimitação do *corpus* e estabelecimento de critérios.

A respeito do primeiro aspecto, o tipo de neologia escolhido para a análise foi o de especialidade, no caso a área da Ciência da Informação. Quanto à delimitação do *corpus* foram considerados os seguintes critérios:

- 1) Seleção de cinco periódicos da área, com melhor classificação Qualis/CAPES no período de análise.
- 2) Recorte temporal de uma década das referidas publicações desses periódicos (2001 a 2011).
- 3) Todos os artigos completos publicados nesses periódicos, no período referido, escritos em língua portuguesa.
- 4) Com auxílio da Base de Pesquisa em Ciência da Informação (BRAPCI) foram extraídas unidades lexicais de três partes dos artigos: título, palavras-chave e resumo.
- 5) Com auxílio da ferramenta computacional *Webcorp* foram recortados os termos individuais e os agrupamentos sintagmáticos (clusters).

O *Webcorp* é um conjunto de ferramentas que permite o acesso à web como corpora. Assim, pode-se usar toda a web para seleção do *corpus*, ou delimitar um site, como nesse caso a BRAPCI. Os dispositivos oferecidos por essa ferramenta de extração de dados on-line são bem semelhantes a outros da área da Linguística de Corpus, a exemplo das funcionalidades de: extração de palavras e quantificação das ocorrências no *corpus*; delimitação de quantidade de elementos por *cluster*; filtros de concordância e *stopwords*, além de diferentes tipos de visualização dos resultados, em listas, no contexto ou em forma de links.

Os periódicos utilizados para a constituição do *corpus*, com sua respectiva classificação Qualis/CAPES, foram: *Perspectiva da Informação* (A1), *Informação e Sociedade* (A1), *Ciência da Informação* (A2), *Datagramazero* (B1) e *Encontros Bibli* (B2).

Quanto à coleta dos potenciais neologismos, utilizou-se a combinação do método manual com o semiautomático. Primeiramente foi feita a extração dos potenciais neologismos com o auxílio da base de pesquisa da área da Ciência da Informação, BRAPCI. Em seguida, utilizou-se o site *Webcorp* para listar as ocorrências das unidades lexicais (*wordlist*) e a formação dos *clusters* (agrupamentos lexicais), que poderiam dar origem aos neologismos sintagmáticos. Além disso, com a ferramenta do *stopword* foi possível delimitar o tipo de unidade lexical desejada para a coleta, excluindo-se, portanto, palavras com funções gramaticais.

Posteriormente à coleta, foi feito o encaminhamento dos potenciais neologismos para as fichas de análise, processo realizado manualmente, com auxílio das tabelas do Excel. Na etapa manual cada unidade lexical foi analisada considerando-se alguns critérios para a determinação neológica. A determinação da unidade neológica, seguindo os preceitos teóricos já enunciados anteriormente, foi baseada em um *corpus* de exclusão. Contudo este não se restringiu a uma obra lexicográfica, mas contou também com publicações da própria área da Ciência da Informação.

A etapa de determinação ou não da neologicidade lexical realizou-se em três etapas. Num primeiro momento foram considerados como *corpus* de exclusão três obras de natureza lexicográfica: um dicionário especializado da área de Ciência da Informação, renomado e de conteúdo recente (*Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, 2008); um glossário da área, que complementa o dicionário anterior com a apresentação de diversos acrônimos (*Acrônimos, siglas e termos técnicos*, 2008); e um dicionário de língua geral, o *Dicionário Online Caldas Aulete*, escolhido por sua cobertura e a facilidade de acesso digital, a fim de completar a análise de ocorrência dos candidatos a neologismos.

Num segundo momento utilizou-se a BRAPCI, base de dados da área da Ciência da Informação, que possui artigos completos publicados em periódicos desde a década de 1970, disponibilizando seus títulos, resumos, palavras-chave e link com a publicação completa. A utilização da base foi essencial, principalmente para a verificação dos potenciais neologismos, considerando que abarcou 35 periódicos da área, somando um total de 8 mil artigos. Sua utilização permitiu excluir os arcaísmos e falsos neologismos, observando para isso a ocorrência dos termos selecionados desde a década de 1970. Além disso trouxe não só as revistas escolhidas para a análise como também outras que possuíam a classificação Qualis, o que ofereceu maior cobertura na função de filtro de seleção neológica. Por fim, como critério para a determinação da neologicidade foi considerada neológica a unidade lexical que tivesse no mínimo duas ocorrências, em partes distintas e sem repetição no escopo de análise (título, palavra-chave e resumo), sendo estas em anos diferentes, podendo aparecer no mesmo periódico.

Depois da extração e seleção dos neologismos, passou-se à **análise, utilizando-se** para tanto o arcabouço neográfico exposto anteriormente. Os neologismos coletados foram transpostos para fichas, criadas manualmente em *Excel*. A etapa seguinte consistiu, a partir dos *corpora* de exclusão, na extração dos contextos responsáveis por delimitarem os conceitos desses neologismos. Por fim, para a ficha de análise, foram considerados os seguintes aspectos: dados das ocorrências no âmbito individual, por periódico e por neologismo; categoria gramatical; estrutura

morfológica; classificação do neologismo e informações suplementares quanto aos seus traços sintático-semânticos.

A seleção dos contextos para a elaboração das definições de cada neologismo constituiu-se como um dos princípios terminológicos da TCT, já que as unidades terminológicas estão subordinadas a um contexto temático circunscrito a um cenário concreto de uso, podendo ser analisadas sob uma perspectiva multidimensional.

Os contextos definitórios de cada neologismo foram retirados basicamente de duas grandes fontes: a BRAPCI, base específica da área da Ciência da Informação, na qual já haviam sido selecionados os neologismos, tendo como critério de delimitação o *corpus* de exclusão, anteriormente mencionado; e o Portal de Periódicos da Capes, em que, com o uso de alguns filtros (assunto, idioma, data de publicação e o próprio termo), foi possível mapear as ocorrências dos neologismos em outras áreas, os campos ancestrais.

Para a seleção dos contextos mais adequados para a composição definitória foram considerados os preceitos enunciados por Dubuc (1999): o enunciado definitório deve ser satisfatório; primar pela clareza, adequação e concisão e evitar as construções circulares e negativas. Com tais preceitos foram selecionados em média oito contextos para a elaboração da definição de cada neologismo. Essa etapa, como já mencionado, contou com o auxílio das fichas terminológicas. A importância da delimitação foi uma etapa essencial do processo de análise, uma vez que permitiu um primeiro reconhecimento das áreas de interface da Ciência da Informação.

Na ficha de síntese, delimitamos uma definição terminológica para cada neologismo. Considerou-se para tal o princípio de que as definições terminológicas devem destacar as funções no contexto de especialidade, situando o termo em uma determinada área de especialidade. Dessa forma, o mais importante não é a explicitação do significado, como na definição lexicográfica, ou mesmo o oferecimento descritivo de um conjunto de conhecimentos, como na definição enciclopédica. O objetivo é fixar o significado do termo considerando as flexibilidades e empréstimos entre áreas, todavia sendo capaz de oferecer aos usuários especializados ou leigos a compreensão do termo.

Para melhor organização desses dados foi utilizada uma tabela relacional, que apresentava a lista de neologismos com suas respectivas definições, associada às áreas em que o termo também era recorrente. Com a quantificação desses dados foi possível verificar a porcentagem das ocorrências de neologismos nos determinados

campos ancestrais identificados, e, por fim, chegar à proposta de mapeamento das áreas de interface.

Para finalizar a descrição metodológica apresentamos o quadro com a identificação das áreas de interface dos neologismos:

Quadro 1 – Exemplo de ficha de análise de área

| Termo | Definição | Grande área Áreas Subáreas | Grande área Áreas Subáreas |
|--|---|---|----------------------------------|
| Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) | Sistema que utiliza o ciberespaço para veicular conteúdos de aprendizagem e fornecer ferramentas colaborativas virtuais | Ciências Exatas e da Terra Ciência da Computação | Ciências Humanas Educação |

Fonte: Elaboração da autora

3 ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS

3.1 A questão do *corpus* de exclusão

Na primeira etapa de seleção dos neologismos, as unidades lexicais candidatas foram submetidas à passagem pelos filtros lexicográficos. Para isso foi utilizada a ferramenta *webcorp* que auxiliou na identificação dos *clusters* e na quantificação das ocorrências. O primeiro filtro lexicográfico correspondeu ao *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia de Oliveira Cavalcanti (2008), obra lexicográfica recente e de caráter mais amplo na área da Ciência da Informação, em comparação aos glossários até então existentes. Trata-se de um dicionário elaborado por uma equipe de especialistas da área durante vinte anos, que teve a preocupação de não apenas colocar os verbetes, mas também indicar as fontes para a elaboração bem como as marcas de uso e as correspondências em inglês, língua franca das áreas de especialidades.

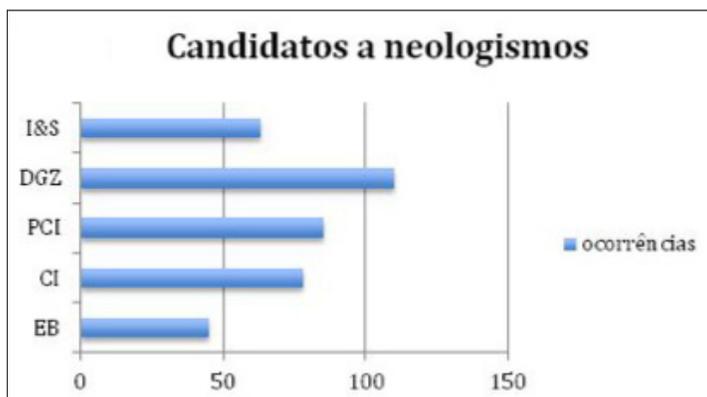
A publicação *Acrônimos, siglas e termos técnicos*, de Gildenir Carolino Santos e Célia Maria Ribeiro, de 2008, foi utilizada principalmente para a verificação das ocorrências de siglas e acrônimos. Essa obra, assim como a anterior, também é

voltada aos profissionais da área da Ciência da Informação, porém com um viés mais pragmático. Enquanto o dicionário apresenta maior cobertura e profundidade no tratamento definicional e organizacional das entradas, na outra publicação o foco está nos acrônimos e siglas, definidos em verbetes mais sintéticos e apenas com o uso do recurso de remissivas. A escolha por sua utilização foi motivada principalmente pelo fato de a ocorrência das siglas e acrônimos ser muito comum na área, sendo necessário, portanto, uma obra complementar ao dicionário para a utilização como *corpus* de exclusão.

Por fim, utilizou-se um dicionário da língua vernácula, o *Caldas Aulete Digital* (2008), com o intuito de verificar se os candidatos a neologismo já tinham sido empregados na língua geral ou se havia alguma marca de uso relativa a eles. A opção de escolha pelo *Aulete* justificou-se tanto por sua cobertura como pela facilidade de acesso e busca digital. Seu papel foi relevante na medida em que confirmou que os candidatos a neologismo não tinham qualquer marca de uso na área de especialidade em questão. No final desta etapa, chegou-se a um total de 389 unidades lexicais candidatas a neologismos. Conforme esperado pela quantidade de palavras do *corpus*, verificou-se que a revista *Datagramazero* também apresentou a maior quantidade de termos candidatos a neologismos. Neste caso, confirmou-se a premissa de que a quantidade absoluta de palavras de um *corpus* pode corresponder à maior quantidade de neologismos.

A seguir, o gráfico com quantidade de candidatos a neologismos por periódico:

Gráfico 1 – Ocorrências de candidatos a neologismos por periódico



Fonte: Elaboração da autora

Na segunda etapa de delimitação neológica, foi utilizada a base BRAPCI, realizando-se a busca exata pelos termos selecionados. Nesse momento, o objetivo foi verificar se os candidatos a neologismos tinham alguma ocorrência anterior à data-limite estipulada para a análise, ou seja, se apareciam em artigos antes de 2001. Para isso foi feita uma tabela com o total de ocorrências do termo em cada periódico; ao lado foi deixado espaço para sua possível ocorrência na base BRAPCI, nas décadas anteriores. Assim, o termo foi considerado neologismo se não ocorreu na base da década de 1970 até o final da década de 1990, conforme ilustra a tabela a seguir:

Quadro 1 – Quadro das ocorrências dos candidatos a neologismos na BRAPCI

| Termo | CI | EB | DGZ | I&S | PCI | Total | BRAPCI (70-79) | BRAPCI (80-89) | BRAPCI (90-2000) |
|--|----|----|-----|-----|-----|-------|-------------------|-------------------|---------------------|
| (AAMC) ambiente de aprendizagem mediado por computador | 1 | | | 2 | | 3 | | | |
| ambiente infor- macional cola- borativo | | 1 | 1 | 1 | | 3 | | | |
| aprimoramento informacional | 1 | 2 | 1 | | | 4 | | | |
| atores sociais | | | | 1 | 3 | 4 | | | |

Fonte: Elaboração da autora

É importante mencionar que essa metodologia de seleção, utilizando materiais específicos das áreas de especialidade estudadas, faz parte dos trabalhos do grupo TermNeo, coordenados pela professora Ieda Maria Alves, da Universidade de São Paulo. Diferentemente das pesquisas tradicionais nessa área, que utilizam como base o *corpus* de exclusão lexicográfico, o grupo vem desenvolvendo pesquisas que utilizam materiais produzidos nas próprias áreas de especialidade, a exemplo de obras referenciais, documentos técnicos e bases de dados acadêmicas, como é o caso desta pesquisa.

Depois de terminada essa etapa, dos 389 candidatos a neologismos permaneceram 184. Por fim, foram eleitos apenas os termos que tivessem no mínimo duas ocorrências, em partes distintas e sem repetição no escopo de análise (título, palavra-chave e resumo), sendo estas em anos diferentes, podendo aparecer no mesmo periódico. No final desta fase, chegou-se ao número de 53 neologismos selecionados para a análise.

A partir dessa seleção, nos deteremos na análise dos dados quantitativos e, em seguida, faremos a análise qualitativa, em que são observados aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos dos neologismos da área da Ciência da Informação.

3.2 Análise quantitativa dos neologismos

Um primeiro elemento de análise referiu-se à representatividade do *corpus* por revista, medida antes da passagem dos termos pelo filtro do *corpus* de exclusão, considerando assim o conjunto total de palavras inicial que compunha o *corpus*. Observou-se maior ocorrência de palavras no periódico *Datagramazero*, com 55 mil palavras, e menor ocorrência no periódico *Encontros Bibli*, com 34 mil.

Considerando o recorte temporal de 2001 a 2011, a maior parte se concentrou no ano de 2010, sendo que o menor número de neologismos foi identificado em 2001. A baixa ocorrência em 2001 é facilmente compreendida, uma vez que grande parte dos termos, que na época poderiam ter sido considerados neologismos, no decorrer da década foram tendo maior aceitabilidade na área, chegando até a serem incorporados nas obras lexicográficas. Por outro lado, a maior incidência no ano de 2010 e não no mais recente, 2011, pode ser explicada pela questão da periodicidade de publicação das revistas. Uma das mais importantes revistas da área, a *Ciência da Informação*, por exemplo, ficou todo o ano de 2011 sem publicar, sendo que a edição referente ao primeiro número de 2011 só foi lançada em 2012.

É salutar observar que a instabilidade na ocorrência dos termos indica também mais um dos traços distintivos da natureza neológica. Assim, a ocorrência no início da década e depois a retomada mais próxima do fim do recorte de análise demonstra como o uso do termo ainda é instável e está se adequando às necessidades denominativas e de aplicação na área.

Outro aspecto a ser observado é o periódico que concentra maior número de neologismos, o que pode ser justificado por diversos fatores: ser um periódico com maior número de publicações, o que aumentaria a possibilidade de ocorrência de

neologismos; ter uma cobertura temática mais abrangente, o que também poderia predispor possíveis ocorrências; a questão da linha editorial da revista ser mais aberta, aceitando artigos de diferentes linhas de pesquisa; ou mesmo a questão da quantidade de palavras selecionadas no recorte de tempo analisado, conforme já mencionado anteriormente.

A revista com maior ocorrência de neologismos é a *Datagramazero*, periódico de criação mais recente (1999) dentre os analisados. É uma revista que já nasceu digital e que aceita temáticas de áreas interdisciplinares com a Ciência da Informação. Além disso, reúne os artigos por afinidades temáticas, o que pode contribuir na seleção de novos termos numa subárea. Outro fator de destaque é que conta com mais publicações por ano, sendo três por semestre. Somado a isso, destaca-se a continuidade das publicações.

Em contrapartida, na revista *Encontros Bibli*, em que há menor ocorrência, podemos verificar que o número de publicações é bem menor, em média duas edições por ano, excetuando-se as especiais, que não estão presentes em todos os anos. Quanto à temática, verificamos que não há uma política explícita em determinar um tema específico para cada número, o que poderia significar maiores possibilidades de discussões de diferentes aspectos. Todavia, nota-se, de forma geral, uma predileção por estudos de caso e por artigos mais voltados ao caráter técnico da área, opção que pode restringir a inclusão de novos termos, uma vez que se escolhe expor aquilo que já está de certa forma consolidado na área.

A ocorrência individual de cada neologismo também é um importante índice de sua aceitação e uso da área. Os termos mais recorrentes foram: *decisor* (26 ocorrências), *folksonomia* (25), *data mining* (19), AVA – *Ambiente Virtual de Aprendizagem* (18) e *memória organizacional* (15). A primeira constatação diz respeito à temática comum dos termos mais recorrentes. Em geral são conceitos ligados à tecnologia, educação e administração. Além disso, observamos a instabilidade neológica na apropriação de termos estrangeiros, a exemplo de *folksonomia* e *data mining*, que aparecem no início do período de análise e depois no fim.

Quanto à frequência, a maioria dos neologismos apresentou ocorrência média de quatro a sete na BRAPCI, nas partes já mencionadas (título, resumo e palavras-chave), sem considerar as repetições em um mesmo artigo. Somada à baixa ocorrência, podemos observar a instabilidade de uso. No caso do termo *musealização*, por exemplo, há ocorrências no início do período analisado, 2003 e 2004, e depois ressurgiu em 2010 e 2011 nos trabalhos da área.

Outro aspecto interessante de ser mencionado é que alguns desses termos de baixa ocorrência se concentram nos trabalhos de um pequeno grupo de autores ou de um único autor que pesquisa determinada temática. Tal fenômeno pode ser justificado pelo próprio tamanho da área, sua recente criação ou mesmo a diversidade de microcosmos de estudos possíveis por conta da diversidade de áreas de interface. Exemplos dessa constatação podem ser vistos nos termos relativos à Museologia, em que podemos encontrar basicamente os artigos de Loureiro (2004).

3.3 Análise qualitativa dos neologismos

Em relação à categoria gramatical, houve predominância de substantivos e palavras substantivadas. Tal ocorrência pode ser entendida considerando-se que a opção pelo substantivo integra a essência da designação de conceitos, que no âmbito da área de especialidade demarca a predominância do valor denominativo dos neologismos analisados. No caso dos sintagmáticos, formados por mais de uma unidade lexical, observou-se também a predominância substantival, acompanhada tanto por outros substantivos como por adjetivos e preposições. A estrutura sintagmática mais recorrente nos *clusters* foi a formação substantivo + adjetivo, seguida da formação substantivo+ preposição + substantivo. Além dos nomes houve apenas mais duas classes de palavras, o numeral e o verbo, que ocorreram somente duas vezes.

Quanto à classificação neológica, verificou-se maior ocorrência de neologismos sintáticos, com predominância das formações sintagmáticas, seguido pelos empréstimos e depois pelos neologismos semânticos.

Os sintáticos basicamente se apresentam em dois subgrupos: os composicionais com formações sintagmáticas e os derivacionais, essencialmente de formação sufixal, uma vez que houve apenas uma ocorrência de formação prefixal e sufixal, caso do termo *desintermediação*.

Nos sintáticos por composição é interessante referir o tipo de relação entre os termos do sintagma, ou seja, se coordenativa ou subordinativa (Alves, 1994). Na primeira, há igualdade entre radicais, que apresentam determinada ordem de coordenação, geralmente associada à soma e ocorrência de palavras da mesma classe gramatical, o que não encontramos nessa seleção de neologismos. Por outro lado, no segundo caso, observamos uma relação de dependência entre os termos, tendo geralmente um radical determinado e outro determinante, além de serem de

classes de palavras diferentes, a exemplo das ocorrências: *etiquetagem colaborativa*, *informação compartilhada*, *objeto musealizado* etc.

Há ainda a possibilidade de haver dois radicais, com a mesma categoria gramatical, no caso substantivo, porém o segundo termo assume um valor adjetival, geralmente com conotação metafórica, podendo ou não ter auxílio de preposição. Segundo Alves (1999), tal fenômeno, em que há mesma estrutura sintática, deve ocorrer sempre que possível, a exemplo dos casos de *nuvem de etiquetas* e *lugar de memória*

Podemos mencionar também a situação de expansão sintagmática, que ocorre quando duas sequências de palavras estiverem circunscritas no mesmo ambiente sintático, ou seja, mesmo que possuam uma estrutura de constituintes diferentes, possam constituir-se como uma sequência de palavras com a mesma distribuição sintática, formada por um termo determinante e outro determinado (Dubois, 2011). Como exemplo dessa ocorrência temos *agentes computacionais de Engenharia do Conhecimento*. A presença dos sintagmas expandidos com esta formação foi observada na maioria dos neologismos analisados. Nesse caso, a composição determinado + determinante nos indica, a partir dos núcleos conceituais, as áreas que propiciam a constituição do escopo da Ciência da Informação.

Outro aspecto a ser ressaltado no grupo de termos formados pelo processo de composição sintagmática é a presença do termo *informação* e suas variantes na composição dos sintagmas. Em 12 dos 52 neologismos observamos a ocorrência do conceito de *informação*. O termo funciona tanto como substantivo, como é o caso de *informação-orgânica*, como adjetivo, a exemplo de *prospecção informacional*. A explicação para tal recorrência pode ser entendida pelo valor conceitual do termo na área, uma ocorrência comum não apenas na Ciência da Informação, mas em outras áreas de especialidade.

Quanto à classificação dos neologismos sintáticos por derivação, encontramos basicamente as formações sufixais, a exemplo de *aprend-ente*, *etiqueta-gem*, ou mesmo em parte das formações sintagmáticas, como em *análise mediação-al* ou *prospecção informacion-al*. Além das derivações sufixais, o *corpus* apresenta exemplos como *desintermediação*, em que temos um caso de derivação prefixal e sufixal.

Ainda quanto à análise dos neologismos derivacionais, vale destacar o tipo de sufixo recorrente. Tanto nas lexias simples como nas compostas, formadoras dos sintagmas, observamos a ocorrência dos seguintes sufixos: *-al*, *-ia* e *-ção*.

O sufixo *-al*, de origem latina, forma adjetivos oriundos de outros substantivos com noções de *grandes quantidades* ou indicando noção de *pertinência*

e relação, como nos casos de *análise mediacional* ou *prospecção informacional*. O sufixo *-ia*, de caráter nominal e origem grega, forma substantivos derivados de outros com noção de qualidade, a exemplo de *cibermetria* ou *folksonomia*. Já o sufixo *-ção* é de caráter essencialmente nominal e provém das terminações latinas *-iō*, *-ōnis*, *-iō*, *-ōnis*, geralmente designadores de verbos com noção de ação/processo, a exemplo de informação, componente dos sintagmas *informação orgânica*, *informação compartilhada* e *consumo de informação*; ou também presente nos sintagmas: *desintermediação*, *classificação social*, *comunicação mediada por computador* etc. (Cunha, 1986).

Do ponto de vista da frequência dos neologismos sintáticos houve maior ocorrência dos empréstimos. O termo mais recorrente foi *folksonomia* (25) seguido de *data mining* (19), *second life* (10), *chatbot* (10), *software social* (9) e *social bookmarking* (8). Na maioria dos casos, nota-se que essas unidades léxicas estão num primeiro estágio de aceitação, sendo usadas conforme foram utilizadas em seu idioma de origem, sem adaptação para a língua portuguesa, constituindo estrangeirismo. No entanto há ocorrências em que são realizadas traduções literais, configurando um decalque, como nos casos de *mineração de dados*, referente ao *data mining* e *serviços da web* para *web services*. Há casos em que observamos já uma incorporação do sintagma para a língua portuguesa, sem o acompanhamento do termo em inglês, a exemplo de *nuvem de etiquetas*, que também poderia ser caracterizado por decalque, uma vez que constitui mera tradução do termo em inglês *tag clouds*.

Outra peculiaridade dos estrangeirismos é sua formação a partir de construções xenoconstituintes (Gonçalves e Almeida, 2011), a exemplo de *cyber* em *Cibermetria*, *folk-* em *folksonomia* e *web-* em *Webmuseum*. Além disso, podemos também observar a formação de cruzamento vocabular ou palavras-valise, quando temos a junção de duas partes de lexias (com perda de alguns elementos), como em *folksonomia* (*folk+taxonomy*) e *cibermetria* (*cyber+metrics*).

A ocorrência das siglas, como podemos observar, está muito ligada aos empréstimos, geralmente indicando produtos ou serviços tecnológicos. No primeiro caso observamos a ocorrência nos casos de: *ambiente de aprendizagem mediado por computador* (AAMC), *ambientes virtuais de aprendizagem* (AVAS), *comunicação mediada por computador* (CMC) e *engenharia de requisitos* (ER), decalques de termos em inglês. Por outro lado, há as ocorrências junto aos estrangeirismos, nos casos de *balanced scorecard* (BSC), *business process management* (BPMS); *second life* (SL); *social bookmarking* (SB). A baixa ocorrência de siglas no corpus analisado pode ser explicada pela adequada utilização dos dicionários utilizados como filtros lexicográficos.

Por fim, também verificamos algumas ocorrências de neologismos semânticos, que resultaram da atribuição de significado novo a palavras já existentes na língua, em especial no escopo da área de especialidade. O novo sentido atribuído aos termos se deu tanto no âmbito metafórico, caso de *nuvem de etiquetas* e *lugar de memória*, como na construção de um novo sentido na área, resultado da migração e adaptação dos conceitos de uma área para outra, a exemplo de *informação orgânica* e *ecologia da informação*.

Os contextos selecionados, preferencialmente de caráter definitório, ajudaram a delinear o funcionamento morfossintático e conceitual dos neologismos analisados. A seção dos diferentes traços designatórios de cada conceito na ficha terminológica de análise corroborou a composição da definição de cada neologismo.

Assim, a análise das definições dos neologismos foi uma importante etapa de trabalho, uma vez que não apenas nos deu elementos para a análise linguística dos neologismos, referendados por um contexto, como permitiu identificar, a partir de seus traços conceituais, as principais áreas de interface ou campos ancestrais constituintes da Ciência da Informação.

4 AS ÁREAS DE INTERFACE COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A noção de área de conhecimento está relacionada à classificação de determinadas ciências que tenham em comum referenciais conceituais e metodológicos que permitam sua distinção e relação com outras áreas do conhecimento. Aproveitando-se dessa ideia nuclear a CAPES e o CNPq dividem e organizam o conhecimento científico, artístico e técnico nacionais em *Grandes Áreas*, *Áreas* e *Subáreas*, a fim de melhor analisar e avaliar a produção científica do país, bem como oferecer um parâmetro para as agências de fomento (Souza, 2004).

No âmbito desta pesquisa, utilizamos como parâmetro a classificação das áreas segundo a tabela CAPES, por ser um modelo reconhecido nacionalmente e presente na maioria dos programas de pesquisa das diferentes áreas do país. Além disso, era necessário ter como base um modelo organizacional das ciências para nortear as análises e os níveis de interface entre os campos. Todavia, é salutar lembrar que as denominações de *Grandes Áreas*, *Áreas* e *Subáreas*, por serem uma representação do fazer científico, de caráter dinâmico e polivalente, podem suscitar distinções de compreensão entre as designações, referentes à prática profissional e a de pesquisa (Almeida, 2005).

De maneira geral, o que distingue as grandes áreas, áreas e subáreas é o nível de integração entre elas, já que são espaços de produção do conhecimento

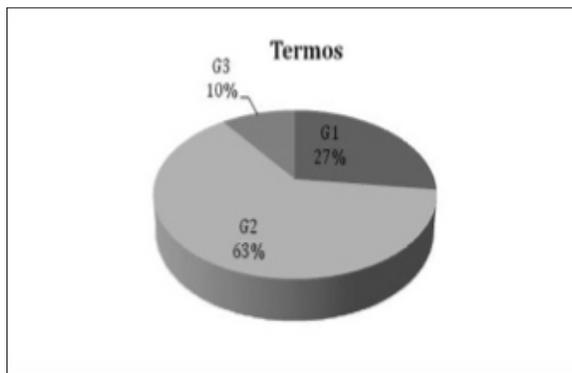
que podem se subdividir e se inter-relacionar de acordo com diferentes propósitos. As aproximações se dão tanto por similaridade conceitual, metodológica ou tecnológica, como também podem refletir escolhas ideológicas e conflitos de poder. Como bem acentua Bourdieu (1983), a definição do campo científico pode ser o palco para as lutas ideológicas, ou mesmo a arena para a briga pelo monopólio científico entre pesquisadores.

Atualmente, em razão da perspectiva cada vez mais interdisciplinar e transversal de se encarar o conhecimento, proliferam as discussões acerca dos espaços intersticiais. Segundo Araújo (2009), tais discussões não se limitam a traçar as fronteiras das áreas de conhecimento, mas a estabelecer as superfícies de contato, e conseqüentemente as novas realidades formuladas a partir dessa inter-relação. Neste cenário, o conhecimento é visto sob uma perspectiva transversal, ou seja, construído a partir da conjugação e da convergência de diferentes saberes (Araújo, 2009).

Neste contexto de relações pluri-, inter- e transdisciplinares, os conceitos de uma área do conhecimento, ao migrarem para outra, podem incorporar novos sentidos e aplicações, indicando com isso não apenas uma acomodação terminológica, mas a evidência de um novo *locus*. A Ciência da Informação, inserida nesse cenário dinâmico, caracterizado pela ruptura de limites e transcendência de fronteiras, reflete o fluxo de informações e conceitos entre diferentes áreas científicas (Dias, 2011).

Nesse contexto multidiverso, analisamos as principais áreas de interface com a Ciência da Informação, a partir dos neologismos. Uma primeira constatação foi a ratificação da presença de certo padrão de ocorrência dos conceitos na área da Ciência da Informação. Num segundo momento, observamos a ocorrência de três grupos de conceitos: um proveniente de uma área específica que conserva seu núcleo conceitual; outro que se constitui a partir de duas ou mais áreas de especialidade; e um terceiro grupo que parte de uma área de especialidade, mas acaba sofrendo algum tipo de adaptação ao ser importado para a Ciência da Informação. A seguir, apresentamos a ocorrência dos neologismos em cada grupo de conceitos:

Gráfico 2 – Principais grupos de conceitos encontrados na análise das definições



Fonte: Elaboração da autora

O primeiro grupo observado constitui-se de termos provenientes de outras áreas, geralmente conceitos das áreas da Ciência da Computação e Administração, que foram as mais recorrentes. Nesse grupo verifica-se que os termos, ao migrarem para outra área, levam consigo seu conceito de origem e são usados nessa nova área mantendo seu núcleo conceitual, mas agora aplicados em outro escopo terminológico. Exemplos encontrados na análise foram: *aprendizado organizacional* e *empowerment* (Administração); *Chatterbot* e *nuvem de etiquetas* (Ciência da Computação).

Nesses casos, ao observarmos o núcleo conceitual dos termos, notamos que ele permanece semelhante também em outras áreas do conhecimento. Quando analisamos *nuvem de etiquetas*, por exemplo, proveniente da Computação, verificamos que não é emprestado exclusivamente à Ciência da Informação, mas também às outras áreas que utilizam o termo com o mesmo valor conceitual, ou seja, uma lista organizada virtualmente que apresenta termos de um *website*.

O segundo grupo também é formado de termos emprestados de outras áreas, mas diferencia-se do primeiro, pois a constituição do termo se dá a partir da combinação de conceitos de áreas distintas. Essa combinação pode ser aditiva, quando dois conceitos somam-se para constituírem um terceiro, a exemplo das construções que aliam conceitos da área da Ciência da Computação e Educação (*ambiente virtual de aprendizagem*; *ambiente de aprendizagem mediado pelo computador*); metafórica, quando um termo é formado por palavras que originalmente não pertencem a nenhuma das áreas em questão, mas que no contexto inter-relacional assume um valor conceitual específico, a exemplo de

second life, ambiente de realidade virtual on-line, presente nos domínios da Ciência da Computação e Educação. E há ainda casos em que é fruto de uma relação de interface de duas áreas, como *foresight*, ferramenta de gestão criada no escopo da Ciência da Computação e utilizada na Administração, ou *Balanced Scorecard*, ferramenta de planejamento estratégico, criada pela Ciência da Computação e utilizada na Administração e Economia.

E há o terceiro grupo, formado por termos provenientes de outras áreas, mas que alcançam algum nível de ressignificação no âmbito da Ciência da Informação, ou seja, diferentemente do que ocorre nos dois grupos anteriores, sofrem algum tipo de mudança em seu núcleo sêmico.

Um primeiro tipo de ressignificação acontece na combinação de um termo que é de outra área com um recorrente na área da Ciência da Informação, compondo um novo conceito. Neste caso, a ocorrência mais comum é nas formações sintagmáticas, em que um dos termos é a palavra “informação” ou seus derivados. Como exemplos temos: *aparato informacional*, *estoque dinâmico de informação*, *inclusão informacional do usuário* e a formação derivacional *informatividade*. O único caso que se excetua é o de *Linguística Documentária*, mas que também reúne um termo proveniente de outra área com um comum na Ciência da Informação, o adjetivo *documentária*, referente à Documentação.

Outro tipo de ressignificação se dá geralmente com termos de caráter mais genérico que assumem, no contexto da Ciência da Informação, um conteúdo semântico integrado ao arcabouço terminológico da área. Como exemplos podemos citar *lugar de memória*, “designação utilizada para tratar de instâncias físicas ou virtuais que se organizam para servir de apoio à salvaguarda da materialidade simbólica concebida como elemento de representação coletiva” (Silveira, 2010, p. 4), e *classificação social*, referente à “classificação da informação na *web* por meio de ferramentas que utilizam a classificação e indexação voluntária e espontânea, feita livremente pelos usuários” (Galdo et al., 2009, p. 23).

A observação desses grupos e as relações entre os termos, conceitos e diferentes áreas de especialidade permitiram identificar as principais áreas e subáreas de interface com a Ciência da Informação. Seguindo os preceitos de delimitação de *Grande Área*, *Área* e *Subáreas* da CAPES foram detectadas, após a análise dos neologismos, quatro grandes áreas de interface: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais Aplicadas. No gráfico a seguir, podemos visualizar a porcentagem de ocorrência de termos em cada Grande Área:

Gráfico 3 – Ocorrências de termos nas grandes áreas

Fonte: Elaboração da autora

O nível de interface diz respeito ao tipo de relação estabelecida entre as áreas e subáreas. Um primeiro nível seriam as relações multi- ou pluridisciplinares, referentes às relações estabelecidas entre áreas de uma mesma grande área, a exemplo da Administração, Educação, Economia e Museologia, áreas que compõem as Ciências Sociais Aplicadas, assim como a Ciência da Informação, e que com ela estabelecem relações multidisciplinares. Um segundo seriam as relações interdisciplinares, ocorridas entre as diferentes grandes áreas: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais Aplicadas.

Por fim, podemos falar de um terceiro nível de relação, o transdisciplinar, referente às Grandes Áreas, que ao fazerem trocas entre si produzem novos termos, conceitos e até novas áreas, de caráter híbrido. Exemplos desse tipo de relação podem ser observados em áreas emergentes como a Biotecnologia (Ciências Biológicas + Ciências Exatas); Física Médica (Ciências Exatas + Ciências da Saúde); Engenharia de Tecidos (Engenharias + Ciências da Saúde) etc. Todavia, no âmbito da Ciência da Informação, foram observados apenas os dois primeiros níveis de relações, ou seja, o multidisciplinar e o interdisciplinar.

Figura 1 – Representação gráfica das áreas de interface com a Ciência da Informação



Fonte: Elaboração da autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seleção dos neologismos nos propiciou observar as áreas que atualmente têm uma superfície de contato maior com a Ciência da Informação. A migração dos conceitos, ora formulando novas construções, ora ressignificando-as, permitiu-nos observar a riqueza da interface entre as áreas, e como tal contato é ativo e está em constante construção.

O exercício de identificação das grandes áreas, áreas e subáreas a partir dos termos encontrados na produção científica da Ciência da Informação não significou

apenas fazer um mapeamento das interfaces da área. Esse procedimento serviu, antes de tudo, para verificar o caráter imanentemente interdisciplinar e dinâmico da Ciência da Informação, que, desde sua origem, é influenciada por campos distintos e percorre diferentes espaços intersticiais.

A análise dos neologismos nos revelou que, mesmo provenientes de áreas distintas, podendo ou não ter uma ressignificação específica na Ciência da Informação, portanto com propósitos iniciais diversos, foram agregados à área. Originados por viés mais tecnológico, social, psicológico ou até artístico, percebemos que, em comum, os neologismos constroem uma narrativa que corrobora a articulação e disseminação mais profícua da informação no meio social. Ampliam ou trazem à tona sentidos de teorias, materiais, produtos e ferramentas, todos em prol do melhor uso da informação.

Mesmo que o objeto informação esteja presente em diferentes áreas e desenvolva importante papel em várias delas, é na Ciência da Informação que existe espaço para a reflexão sobre a melhor forma de se recuperar, organizar, categorizar e disseminar seu objeto, considerando para isso a natureza, meios, objetivos e principalmente o público-alvo.

Neste contexto dinâmico em que diferentes facetas da área se transformam, é notório que o arcabouço terminológico também reflita tais transformações. Nesse viés, a migração dos conceitos e sua instabilidade semântica revelam a importância do contexto na validação das escolhas terminológicas em uma área de especialidade. Retomando Wittgenstein (2000), a linguagem, como um jogo, é constituída por peças (palavras) que podem ser usadas seguindo determinadas regras (convenções linguísticas), as quais se adaptam a um contexto pragmático (situação de uso). Nessa perspectiva, os conceitos se modulam de acordo com seu uso no discurso, não tendo limites estáveis e facetas unívocas, uma vez que só adquirem verdadeira exatidão conceitual quando inseridos no contexto discursivo (Moreno, 2000).

Por fim, recorramos a Malmberg (1976, p. 21): “As ciências não têm fronteiras: as matérias e os setores de pesquisa sobrepõem-se e necessitam-se mutuamente”. Mesmo com a evidente especialização científica, o autor nos lembra de que toda ciência, realmente especializada, só tem valor científico em conexão com outros conhecimentos.

REFERÊNCIAS

Almeida CC. O campo da ciência da informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil [dissertação] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2005.

Alves IM. Neologismo - criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.

Alves IM. Conceito de neologia. Alfa, São Paulo. 1996,(40):11-16.

Alves IM. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. Palavra, Rio de Janeiro, 1999, (5): 69-80.

Alves IM. Neologia e níveis de análise. In: Isquierdo AN, Alves IM. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS; Humanitas, 2007.

Araújo CAA. A ciência da informação como Ciência Social. Ciência da Informação, Brasília, set./dez. 2003, 3(32): 21-27.

Araújo IS. Contextos, mediações e produção de sentidos: uma abordagem conceitual e metodológica em comunicação e saúde. R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro. 2009;3(3):42-50.

Aulete FC, Valente ALS. Dicionário Caldas Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

Brapci – Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

Bourdieu P. O campo científico. In: Ortiz, R. (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

Cabré MT. La neología, avui: el naixement d'una disciplina. In: Cabré MT, Freixa J, Solé E. Lèxic i neologia. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada; Universitat Pompeu Fabra; 2002a.

Cabré MT. La néologie dans la presse catalane: premières données d'un observatoire de neologique. In:

Cabré MT, Freixa J, Solé E. Lèxic i neologia. Observatori de neologia; Institut Universitari de Lingüística Aplicada; Universitat Pompeu Fabra: Barcelona; 2002b.

Cabré, MT. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. Terminology. Amsterdam. 2003;9(2):163-200.

Cabré MT. La neologia, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los observatorios. In: Alves IM. Neologia e neologismo em diferentes perspectivas. São Paulo: Paulistana; 2010.

Capes. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portal [de] periódicos. Ministério da Educação: Brasília; 1990-.

Ciência da Informação. Brasília: IBICT- Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia; 1972- .

Correia M. Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos. Lisboa: Publicações Europa América; 1998.

Cunha AG. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.

Cunha MB, Cavalcanti, CRO. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília: Briquet de Lemos Livros; 2008.

Datagramazero - Revista Ciência da Informação. Rio de Janeiro: IASI – Instituto de Adaptação e Inserção na Sociedade da Informação; 1999-.

Depecker L. Les aménagements néologiques de la fin du XXe siècle. I Colloque International – La neologie scientifique et technique: Bilan et perspectives. Rome, 28 nov.2003. Actes...Roma: Academie de Roumanie; 2003.

Dias FS. Migração conceitual entre sistemas de recuperação da informação e ciências cognitivas: uma análise discursiva [tese]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte; 2011.

Dubois J. et al. Dicionário de linguística. 16ª ed. São Paulo: Cultrix; 2011.

Dubuc R. Manual práctico de terminología. Ileana Cabrera, tradutora. Chile: RiL Editores; 1999.

Encontros Bibli. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1996-.

Galdo A, Vieira AFG, Rodrigues RS. Classificação social da informação na web: tecnologia, informação e gente. Datagramazero, Rio de Janeiro, dez. 2009; 6 (9) v.10: 25-34.

Gonçalves CAV, Almeida MLL. Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenoinstituintes em português. In: Mollica MC, Gonzalez M. Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis. Curitiba: Appris; 2011.

González de Gómez M. N. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. DataGramZero, Rio de Janeiro, dez. 2000; 6(1): 29-41.

Humbley J. La terminologie française du commerce électronique, ou comment faire du neuf avec de l'ancien – vers une géomorphologie lexicale. Actes de la Vè Journée scientifique de Realiter, Milan (Italie): Terminologie et plurilinguisme dans l'économie internationale. Actes. Milan; 2009.

Informação e Sociedade: Estudos. João Pessoa: Universidade Federal de Pernambuco; 1991-.

Siqueira, J.C. Neologismos: o mapeamento de áreas de interface na ciência da informação...

- Le Coadic, YF. A ciência da informação. São Paulo: Briquet Lemos; 2004.
- Loureiro, MLNM. Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. *Ciência da Informação*, Brasília, maio/ago. 2004; 33(2): 97-105.
- Malmberg B. A língua e o homem. Introdução aos problemas gerais da Linguística. RJ: Editorial Nórdica; 1976.
- Moreno AR. Wittgenstein: os labirintos da linguagem, ensaio introdutório. São Paulo: Unicamp; 2000.
- Morin E. O método III: o conhecimento do conhecimento. Lisboa: Publicação Europa-América; 1987.
- Pavel S. Néologie lexicale: transfert, adaptation, innovation. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, Québec, Canada. 1989; 1(2):125-137.
- Perspectiva em Ciência da Informação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 1996- .
- Rabello R. A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação [tese]. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília; 2009.
- Silveira FJN. Biblioteca, memória e identidade social. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte. 2010;(15):67-86.
- Solé E. Textos e neologismos. In: Cabré MT, Freixa J, Sole E. *Lèxic i neologia. Observatori de neologia*; Institut Universitari de Linguística Aplicada; Universitat Pompeu Fabra: Barcelona; 2002.
- Souza RF. Áreas do conhecimento. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, abr.2004; 2 (5): 35-48.
- Webcorp. United Kingdom: Birmingham University; 2012. Disponível em: <<http://www.webcorp.org.uk/live/>>.
- Wittgenstein L. Investigações filosóficas. José Carlos Bruni, tradutor. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Coleção Os Pensadores); 2000.

Recebido em: 15/09/2015

Aceito em: 03/12/2015
